

LEITURA E CONHECIMENTO

Vera Teixeira de Aguiar¹

RESUMO

Este artigo consiste numa reflexão sobre as relações entre leitura e conhecimento, considerando mais especificamente a leitura literária. Partindo de pesquisas sobre as precárias condições da leitura no Brasil, enfoca o problema conceituando o ato de ler e explicando o processo da leitura literária segundo os pressupostos da Estética da Recepção. Nesse sentido, define o prazer estético a partir do conhecimento que a leitura oferece ao sujeito, levando-o a descobrir o mundo e a si mesmo. Enfatiza que, para tal, são necessárias condições sociais que permitam ao leitor movimentar-se com autonomia dentro do campo literário, conhecendo os diferentes agentes que ali interagem.

Palavras-chave: Leitura literária. Campo literário. Conhecimento. Prazer estético.

Para uma reflexão sobre leitura e conhecimento, atenta especificamente a leitura literária, colocamo-nos diante de algumas perguntas, tais como: Como vai a leitura no Brasil? O que é ler e o que é ler literatura? Como se dá o processo da leitura literária? Que relações texto literário e leitor estabelecem? Como o conhecimento leva ao prazer estético? Quais são as condições sociais para que a leitura literária aconteça? Em que consiste o campo literário? Como conhecer para ler? Todas essas indagações levam-nos a olhar a realidade com outros olhos e interpretar as notícias cotidianas como sinais de um estado da questão.

Abrimos o jornal e lemos a manchete: “Pesquisa mostra que 67% dos brasileiros não entendem o que lêem”. A notícia nos informa que apenas 25% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são capazes de ler, entender o que está escrito e escrever corretamente, enquanto 8% são analfabetos. Os dados estão em pesquisa de uma organização não-governamental, o Instituto Paulo Montenegro, que coopera com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE na descrição quantitativa das diversas facetas da sociedade brasileira.

A situação leva-nos a pensar: se as pessoas lêem e não entendem o que lêem, então não lêem. O texto escrito é um veículo de informações produzidas por um emissor que devem chegar a um receptor. O que temos aí é um processo de comunicação que só ocorre, realmente, quando

o leitor toma posse da matéria lida e posiciona-se diante dela. Se isso não ocorre, a comunicação falha e o ato de ler não acontece.

Podemos definir a leitura como uma atividade de percepção e interpretação dos sinais gráficos que se sucedem de forma ordenada, guardando entre si relações de sentido. Ler, assim, não é apenas decifrar palavras, mas perceber sua associação lógica, o encadeamento dos pensamentos, as relações entre eles e, o que é mais importante, assimilar as idéias e as intenções do autor, relacionar o que foi apreendido com os conhecimentos anteriores sobre o assunto, tomando posições com espírito crítico, e utilizar os conteúdos ideativos adquiridos em novas situações.

Esse comportamento vale para qualquer tipo de texto. Diante de uma receita de bolo ou de um manual de instruções qualquer, vamos descobrir cada uma das indicações que nos são dadas, entender como agir, em que ordem realizar as operações e, depois, colocar em prática uma a uma, de modo a chegar ao resultado final com sucesso. Se não compreendemos o que está escrito, não conseguimos fazer o doce nem botar a funcionar um aparelho. O mesmo vai acontecer com um texto informativo ou ficcional. Se não entendermos seu conteúdo e o percebemos apenas como uma sucessão de frases ou palavras soltas, não chegaremos às idéias. Assim, não vamos alargar nossos conhecimentos sobre determinados assuntos, nem dar asas à imaginação a partir das peripécias dos personagens e dos sentimentos suscitados por narrativas e poemas.

A leitura não é um comportamento natural do ser humano, como comer ou dormir; ela é cultural e precisa ser adquirida. Normalmente, à escola cabe a nossa introdução no mundo das letras. Ali desenhamos as primeiras palavras e lemos os textos iniciais. No entanto, a leitura começa muito antes, quando, pequenos ainda, percebemos os impressos mais corriqueiros, como cartazes, logomarcas, letreiros de ônibus, chamadas televisivas e tantas outras mensagens que, claro, são muito mais numerosas nas cidades do que mundo rural. Nesse momento, já começamos a fazer associação entre as manchas escritas e a significação que elas contêm, embora sem saber soletrar.

O conceito de leitura pode, ainda, ser mais amplo e se estender, como quer Paulo Freire, à leitura do mundo. O texto é, então, todo e qualquer objeto cultural, seja verbal ou não, em que está implícito um código social para organizar os sentidos, através de alguma substância física. Portanto, esporte, vestuário, cinema, televisão, rádio, artesanato, cozinha, jornal, fala, literatura e todas as outras manifestações culturais partilham da qualidade de textos. Entrar em contato com qualquer uma dessas modalidades, descobrir-lhe os objetivos e reagir a eles de acordo com

nossas experiências é ler. Para o autor, a leitura do mundo, quer dizer, de todos os textos que fazem parte do nosso cotidiano, precede à leitura da palavra.

Afirmamos que ler é compreender, assimilar e responder ao assunto lido, isto é, interagir com o texto e aplicar os conhecimentos adquiridos em novas situações. Se antes de lermos o papel impresso, lemos as mensagens do ambiente que nos cerca, aprendemos a ler o texto escrito através da leitura do mundo. Se soubermos perceber as significações do que acontece no dia-a-dia, se entendermos os motivos e as implicações dos fatos e dermos a nossa contribuição a eles, estamos nos tornando sujeitos críticos e criativos. Estamos exercendo uma atividade leitora produtiva que, depois, vai se estender ao material impresso.

Salientar a importância da leitura do mundo é fundamental para a leitura da palavra, porque, antes de sermos alfabetizados, já exercitamos a capacidade de extrair sentidos das mensagens que nos cercam e responder a elas com base em nossas vivências e convicções. Depois, diante do texto escrito, vamos repetir essa postura ativa e desafiadora. Daí a necessidade de nos tornarmos bons leitores mesmo antes de sermos alfabetizados.

Contudo, a leitura do mundo, imprescindível para a leitura da palavra, não pode ser a única a que o sujeito tenha acesso. Nas sociedades modernas, ler o texto escrito deve ser direito de todos, pois a vida é registrada a cada minuto através de sinais gráficos. Quem não é alfabetizado passa ao largo das informações e não tem condições de participar, opinar, reagir e ajudar a construir o mundo em que vivemos. Além disso, ignorante dos fatos, não pode reivindicar seus direitos, lutar pela igualdade social e pela melhor qualidade de vida. O domínio da cultura letrada é, pois, fundamental para o exercício da cidadania.

Nossa preocupação com a expansão da competência leitora entre todos os cidadãos tem a ver, como já enfatizamos, com as vantagens que o ato de ler propicia para a vida individual e a construção social. Ler os mais diversos materiais impressos é estar conectado no mundo, dele auferindo conhecimento e com ele contribuindo ao produzir novos conhecimentos, novos modos de ser e viver. Mas, se toda a leitura é importante por assim proceder, a leitura literária tem um papel social muito mais abrangente. Enquanto os textos informativos nos falam de textos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra uma significação humana mais ampla. Se um documento histórico, por exemplo, se refere à Guerra de Canudos, à Revolução Farroupilha ou às Bandeiras, está registrando os episódios ocorridos, suas causas e suas conseqüências, suas motivações e os agentes que então estiveram presentes. Os assuntos interessam a nós, brasileiros, porque tais acontecimentos podem talvez explicar outros que vivemos hoje. Mas a um japonês dificilmente chamariam a atenção, porque são específicos de um povo determinado. Mas, se em vez de um discurso de História, tivermos

um poema, um conto ou um romance, com personagens que vivem a violência, o amor, a dor e a separação, esse poderá ser lido por qualquer homem, de qualquer parte do globo. O acontecimento particular, que contextualiza a narrativa, é sobrepujado por uma significação mais larga, que aponta para os sentimentos de todos os homens. O que importa não é o fato sobre o qual escrevemos, mas as formas de sentirmos e pensarmos esse fato, o que nos aproxima de todos os homens. Assim funciona a literatura e, por isso, ela oferece uma leitura mais larga e profunda.

O exemplo permite-nos compreender que a linguagem literária é uma tomada de consciência do autor em relação ao mundo concreto. Não é uma resposta mecânica ao que acontece, mas uma interação entre o escritor e o mundo, receptiva e criativa, expressa através de palavra. O que vale é o sentido humano do produto que vai entrar no circuito da comunicação entre os homens, como uma manifestação cultural de perfil específico. Isso acontece porque ela não tem caráter utilitário, não se refere diretamente ao contexto, não precisa apontar diretamente aos objetos reais, possuindo, portanto, autonomia de significação. Por exemplo, um romance ou uma história infantil não narram fatos que, necessariamente, aconteceram e não estão comprometidos com o mundo real. Podem referir-se a espaços imaginários, criar personagens mágicas e falar do que pode ser e não do que é. O leitor faz um pacto com o autor e entra nas regras do jogo literário, sem questionar o contexto, mas vivendo as situações da história como se fossem de verdade. E o melhor é que ele embarca na ficção sem perder a noção de realidade, isto é, fica na corda bamba, entre a fantasia e a realidade e daí retira seu prazer de ler.

Essa capacidade do texto literário de independer de referentes externos, de modo direto, deve-se à coerência interna dos elementos de que se compõe, o que o torna auto-suficiente com um todo estruturado. Essa característica justifica a descoberta da significação e a aceitação pelo leitor de obras que não têm relação direta com o contexto, como as de ficção científica, fadas, horror, realismo mágico. Como o texto literário é mais aberto e, ao mesmo tempo, voltado para si mesmo, ele exige uma leitura diferente daquela exercida no texto não-literário. Nesse sentido, a estética da recepção pode nos ajudar. Wolfgang Iser, um estudioso alemão do processo de leitura, refere-se ao leitor implícito como uma categoria textual. A obra literária, mais do que qualquer outra, é escrita para um leitor específico, que está desenhado no seu interior, como podemos ver, claramente, por exemplo, na literatura infantil: a caracterização de personagens, a estrutura, os conflitos, a linguagem são construídos para que a criança leia e compreenda os conteúdos lidos. Ela, enquanto leitora, também é delineada pelo texto.

Se o texto literário só se realiza no ato de leitura é porque sua estrutura exige essa função do leitor como foro decodificador indispensável às múltiplas concretizações da estrutura textual.

O texto literário constitui-se no efeito potencial, que é realizado no processo de leitura como cadeia de atividades dependentes das orientações do texto e do exercício de certas faculdades humanas. Na concretização pelo leitor, há dois pólos, o artístico e o estético. O artístico refere-se à obra criada pelo autor e o estético, à sua realização levada a efeito pela atividade do leitor. Assim, o processo de leitura define-se como a concretização do objeto artístico (obra) em objeto estético (o texto lido).

A obra de arte é uma produção esquemática intencional, uma vez que o texto é formado por elementos potenciais, que funcionam como linha de orientação e devem ser atualizados, e pontos de indeterminação, que devem ser preenchidos pelo leitor. A concretização efetuada pelo leitor é a atualização dos elementos potenciais da obra e os pontos de indeterminação têm função de sugestão de uma complementação dinâmica. A indeterminação do texto literário, estruturalmente “localizável” em seus vazios e suas negações, é condição para comunicação. Os vazios conduzem à atividade participativa do leitor, através da suspensão da conectabilidade dos esquemas textuais. Assim, os vazios no texto mostram-se como uma condição elementar de comunicação. O preenchimento dos vazios não é total e depende das representações projetivas do leitor.

Para exemplificar o que estamos dizendo, vamos observar a personagem de um romance. Sobre ela, o autor não diz tudo, apenas esquematiza alguns traços físicos e de caráter e nós, enquanto leitores, vamos preencher o que falta (os vazios), de acordo com o que sabemos dela. Assim, a mesma personagem é diferente para cada um de nós, porque vamos dar-lhe o formato que está mais de acordo com nossas experiências a respeito de tipos humanos como esse. Em relação às peripécias da história e à vivência das personagens, vai acontecer o mesmo: o autor dá algumas pistas, conta alguns episódios e nós completamos a sua vida segundo nosso modo de ver o mundo. O escritor pode fazer grandes saltos temporais, não descrever o ambiente, ater-se a um detalhe, mas nós conseguimos criar, em nosso imaginário, um todo coerente, porque há organicidade interna no texto e as indicações e os vazios encaixam-se. Agora, vejamos um dos poemas mais conhecidos da literatura brasileira, este de Gonçalves Dias:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Em nenhum momento, o poeta diz onde está e de que lugar ele fala. Refere-se a um “aqui”, a um “cá” e a um “lá”, que nos fazem perceber a grande distância da terra natal. Ao descrever as belezas de seu país, insiste em não encontrá-las no exílio, mas não dá nenhuma informação sobre ele. Preenchemos o vazio por suas negativas, imaginando o quão inóspita deve ser a terra que o acolhe. Igualmente, sentimos que o afastamento da pátria será longo e duradouro, embora nada, no poema, deixe isso claro, a informação reforçando seu desejo de não morrer antes de voltar. Enfim, temos aqui vinte e quatro versos curtos (sete sílabas), sem nenhum adjetivo, que a nossa leitura completa, dando conta do imenso sentimento de saudade e amor à terra em que nascemos.

Acrescentamos, ainda, que os segmentos são estruturados no texto de modo a organizar o ponto de vista do leitor como uma estrutura de campo, em que o segmento é ressaltado como tema em oposição às posições tematicamente vazias, isto é, ao horizonte. Esse permanece presente no fundo contra o qual novos temas ocorrem, condicionando e influenciando esses temas e, retroativamente, sendo também por eles influenciado. Assim, cada vez que um tema recua, tornando-se horizonte e dando lugar a outro tema, muda o vazio, havendo uma transformação recíproca. É importante salientar que esse não é um processo arbitrário, pois o vazio é estruturado pela seqüência de posições de fluxo temporal da leitura, logo, a posição tematicamente vazia age sempre como o ângulo a partir do qual se realiza uma interpretação.

Podemos chamar a atenção para as mudanças entre o tema e o horizonte neste poema de Sérgio Capparelli:

Excursão

O ônibus roncava na subida
 e como era difícil o amor de Mariana
 de blusa rala e jeans apertado!
 A viagem nem tinha começado
 e eu ali, em meio ao vozeiro, cantava
 batendo nos bancos,
 e a professora pedia um pouco de silêncio,
 pelo amor de Deus, vou ficar surda
 e a turma batucava, batucava
 e batucava no meu peito
 um coração pedindo estrada
 e tu, nem te ligo,
 conversavas com Luisa, ajeitando uma rosa branca
 nos teus cabelos lisos,
 ô Mariana, vê se me vê, pô, estou aqui,
 louco de você, e me calava,
 ouvindo o ônibus cheio de amor pela estrada
 que diante dele se torcia
 machucada.

O poema vai mudando o tema, isto é, foco da atenção entre o ônibus, Mariana, a professora, a turma e o eu poético. Cada vez que, em um verso, um elemento ocupa a posição do tema, todos os outros ficam no horizonte para, depois, esses lugares se alterarem. Através desses movimentos, o autor nos transmite o sentimento do amor adolescente não correspondido, a visão de alguém que, por sofrer por amor, vê o mundo ao seu redor em sintonia com sua dor.

Aqui, podemos valorizar o papel do autor, que provoca o leitor implícito, através de linhas de orientação, como comentários, apresentação de personagens e as próprias lacunas, levando-o à atividade criativa de preenchimento dos vazios textuais para a constituição de um sentido. Cabe ao leitor crítico não a explicação normativa do texto, mas a análise das condições em que se tornou possível a constituição de um sentido para a obra.

Essas idéias são importantes por pensarem a obra como um processo de comunicação fundado em dados do autor e preenchidos pelo leitor. Assim, se, de um lado, enfatizam a figura do autor, de outro, introduzem a categoria do leitor como elemento ativo no processo de decodificação do texto. Isso acontece porque a estrutura do texto, por seu caráter dialógico, problematiza o leitor, na medida em que faz com que ele reaja ao seu código. A literatura,

portanto, é uma provocação ao leitor, levando-o a constituir novos sentidos e, conseqüentemente, crescer como ser humano.

Um romance ou um conto infantil, por exemplo, sustentam um código social e outro literário. Ao primeiro dizem respeito as idéias defendidas, os caracteres das personagens, os modos de agir e reagir; ao segundo, a estrutura da obra e sua linguagem. Em ambos os casos, podem estar presentes comportamentos familiares ao leitor ou que lhe são estranhos, em menor ou maior grau. Nessa medida, o leitor pode dialogar com o texto, concordar ou discordar do que ali encontra e posicionar-se diante do novo. O certo é que, depois da leitura, se enfrentou situações inesperadas, nunca mais será o mesmo, tendo seu mundo alargado e seu conhecimento ampliado.

Concebendo o desafio da leitura como um jogo, insistimos na necessidade de o leitor apreender e exercitar as regras pré-estabelecidas para bem exercer essa atividade. Como não existe literatura sem leitura, transportamos para a categoria do leitor a atribuição da valorização artística do objeto, necessariamente comparativa. Ler o texto literário implica, portanto, uma aprendizagem, que se realiza na prática do contato com os textos.

Trata-se, portanto, de um exercício de caráter seletivo, pois a democratização da formação cultural dos indivíduos conserva-se, ainda, em estágio demagógico. Se atribuimos à obra literária uma função emancipadora, ao propiciar o aprimoramento intelectual do sujeito, vemos, nas sociedades modernas, as dificuldades de sua efetivação, pelas precárias condições oferecidas a seus membros de participar desse jogo.

Um autor que enfatiza o papel da literatura na vida individual e social é Hans-Robert Jauss. Considerando o texto literário como fato estético e social, o autor orienta suas pesquisas para a perspectiva da recepção da obra, valorizando a função ativa e criadora do leitor como primeiro destinatário da obra literária. O pressuposto é o de que a historicidade da literatura depende do diálogo da obra literária com seus leitores. As diferentes atualizações do texto pelo leitor modificam a obra literária e esse processo de produção e recepção estética determina a história da literatura. A obra permanece viva enquanto pode se relacionar com o leitor. Sua medida de aceitação é o horizonte de expectativas, formado a partir do conjunto de normas estéticas, sociais, filosóficas, ideológicas que vigora em uma certa época e orienta a produção das obras e a sua recepção. Isso acontece porque tanto os textos como os leitores estão inseridos numa determinada sociedade e têm, cada um a seu modo, um horizonte de expectativas.

Uma nova obra pode satisfazer o horizonte de expectativas do público e provocar sua alteração em maior ou menor grau. A distância entre a expectativa do leitor e sua realização, denominada “distância estética”, vai determinar o valor artístico da obra. A ruptura com o

horizonte de expectativas é, portanto, critério de valor. Como o horizonte de expectativas se altera, a distância estética também se altera; uma obra que, em determinado momento histórico, surpreendeu pela novidade, pode tornar-se vulgar para o novo leitor, e as grandes obras são aquelas que, em cada atualização, provocam esse leitor, formulando novas questões.

Levantar o horizonte de expectativas de uma obra em dado momento histórico é levantar o horizonte de questões para o qual o texto é a resposta. Por sua vez, não fornecendo respostas acabadas, o texto propõe questões, estabelecendo-se a distância estética entre as expectativas do receptor, de um lado, e as respostas da obra e suas perguntas desafiadoras de outro. Daí decorre a função do texto literário, que é a de renovar a percepção estética. Essa renovação tem um sentido amplo, pois a experiência literária do leitor deve penetrar no horizonte de expectativas de sua vida prática, interferir em seu conhecimento do mundo, afetando, em consequência, seu comportamento social.

Por isso, podemos dizer que a leitura tem três momentos: da compreensão, da interpretação e da aplicação. O sujeito apreende os sentidos, coteja-os à luz de seu conhecimento e introjeta-os, incorporando-os de acordo com suas possibilidades e necessidades. O nível reflexivo da experiência estética propicia ao sujeito vivência e consciência da vivência e o prazer advém da possibilidade de integrar à sua vida os frutos dessa prática.

O prazer estético nasce da compreensão do sujeito com respeito à prática que vive, envolve participação e apropriação. Na atitude estética, o leitor deleita-se com o objeto que lhe é exterior. Descobre-se, apropriando-se de uma experiência do sentido do mundo. Diante da obra percebe sua própria atividade criativa de recepção da vivência alheia. É a consciência desse processo que gera o prazer estético. Em outras palavras, para o sujeito, a experiência estética consiste em sentir e saber que seu horizonte individual, moldado à luz da sociedade de seu tempo, mede-se com o horizonte da obra e que, desse encontro, lhe advém maior conhecimento do mundo e de si próprio. Eis a essência do prazer estético.

Nesse sentido, o alargamento das fronteiras da teoria da literatura para além do texto e seu autor dá margem aos estudos que têm por foco o leitor como elemento ativo no processo de comunicação literária. A partir dessa postura, é possível delinear os comportamentos esperados desse agente, quer em seu trânsito social dentro do circuito da cultura, quer em sua atividade individual junto aos textos.

Se já comentamos o processo de leitura em sua face individual, resta salientar sua dinâmica social. Para isso, valemo-nos da sociologia da leitura, o segmento da sociologia da literatura que tem como objetivo estudar o público como elemento atuante do processo literário, considerando que suas mudanças em relação às obras alteram o curso da produção das mesmas.

Nesse sentido, pesquisamos as preferências do público, levando em conta os diversos segmentos sociais que interferem na formação do gosto e servem de mediadores de leitura, bem como as condições específicas dos consumidores segundo seu lugar social, cultural, etário, sexual, profissional, etc.

O que observamos, pois, é um deslocamento da atenção para o leitor, em detrimento daquela tradicionalmente dispensada ao autor e sua obra. Mas a sociologia da leitura entende o literário em seu sentido mais amplo, atendo-se ao terceiro pólo da comunicação - o leitor -, incluindo aí as contingências vividas e as influências de todos os fatores sociais que podem controlar a quantidade e a qualidade do consumo. Se toda leitura é foco de estudo porque definidora de um tipo de público, é também objeto de análise a recepção dos textos considerados marginais e subliterários, isto é, a sociologia da leitura desconsidera o valor literário, intrínseco às obras, para se ater ao largo contexto de sua circulação e consumo e busca aí as razões de seu sucesso e permanência.

Tal posição pode restringir a contribuição dessa teoria aos estudos literários, uma vez que não interpretamos os textos nem emitimos juízos de valor estético. No entanto, a contrapartida que esses estudos nos oferecem é a da compreensão do fato literário no cotidiano de sua existência, caracterizado por seu trânsito na comunidade leitora. Por essas vias, justificamos a relevância atribuída ao papel do leitor no processo literário.

A sociologia da leitura, como vimos, desde seus primórdios, volta-se para pesquisas que analisam a formação do público leitor, levando em conta as preferências de leitura das diferentes camadas da população, bem como o consumo da literatura de massa. Nessa área, avultam os trabalhos da Escola de Bordeaux, dirigidos por Robert Escarpit e sua equipe.

Escarpit contextualiza suas investigações sobre a leitura no cenário da sociologia da literatura, entendendo o fato literário no panorama da sociedade em que está inserido e com a qual dialoga. Estuda, por isso, as questões de produção, identificando os elementos que interferem na atividade do escritor como homem de seu tempo com responsabilidade social definida. A seguir, analisa a distribuição das obras, oferecendo dados e comentando as ingerências para a publicação e distribuição de livros de modo a determinar o papel de cada instância social envolvida. Por último, reflete sobre o consumo, descrevendo os diversos tipos de público, as razões dos êxitos e dos fracassos das obras e o processo de formação do leitor sob a ótica da sociologia.

Ao voltar-se para o público e investir em pesquisas empíricas junto a ele, essa teoria pode tornar-se excessivamente descritiva e quantitativa, não avançando para a interpretação dos dados colhidos e relacionados entre si. Para evitar tal impasse, Escarpit apóia-se na proposta de Gold-

mann, que defende haver duas sociologias da literatura: uma sociologia da comunicação, da difusão, da recepção, da influência das instituições culturais sobre o leitor; a outra, uma sociologia da criação, do fato estético. Podemos compreender, então, que o que importa não é a identificação pura e simples do público leitor, mas sua compreensão mais ampla no panorama social.

Têm sido temas da sociologia da leitura todos os elementos voltados para as questões de distribuição, circulação e consumo de livros. Discutimos, então, a função social do escritor, a história das obras junto aos diferentes públicos, as características definidoras da cultura popular e erudita, os processos de produção e popularização do livro, as políticas de leitura, o êxito dos autores e dos textos. Paralelamente, traçamos as histórias individuais e as práticas de leitura, recompomos o percurso do livro historicamente e as situações humanas em que ele é objeto de disputa, culto, censura, louvação, enfim, aquelas em que ele é o móvel da ação dos indivíduos.

Arnold Hauser, ao escrever sobre a sociologia da arte, dedica um volume de seu extenso trabalho à sociologia do público, enfatizando o papel dos mediadores (como a biblioteca, a editora, a livraria, a imprensa, o sistema de distribuição, os eventos culturais, a igreja, a escola, a família, etc.) como decisivo no destino da literatura na sociedade, através dos tempos. Pode-se dizer, por isso, que quanto maior for a relação do sujeito com todas essas instâncias de interferência, tanto maior serão suas chances de se tornar um leitor.

No entanto, como acentua Bourdieu, as possibilidades de contato com os bens culturais estão condicionadas aos fatores econômicos, isto é, as produções privilegiadas socialmente são aquelas que dizem respeito à classe dominante, que sustentam seus valores e justificam seu poder. Assim, para ter acesso ao capital cultural, o indivíduo precisa dispor de condições econômicas e educacionais que lhe permitam transitar nesse meio. Bourdieu analisa, então, as relações do campo literário com os demais (econômico, político, religioso, social, etc.), verificando as articulações entre eles e os modos como cada um interfere nos outros, sem submetê-los simplesmente ao fator econômico. Paralelamente, enfatiza a necessidade de atentarmos para as relações dentro do próprio campo literário, como, por exemplo, aquelas entre editores, livreiros, bibliotecas, escolas e universidades, congressos, feiras, encontros com escritores, entre outras, em cruzamentos dinâmicos e constantes, em influências mútuas. Assim, podemos estudar o fenômeno do consumo da leitura na sociedade de um ângulo que abrange a complexidade das trocas sociais.

Do ponto de vista da formação do leitor, devemos estar atentos para a distância existente entre o informado e o consumidor de literatura. Na verdade, a escola preocupa-se em transmitir ensinamentos sobre a literatura e não em ensinar a ler. A educação formal tem por objetivo

repassar dados sobre a história dos autores e das obras, cobrar exercícios de análise de textos para emissão de juízos, buscando fazer de todo leitor um “expert” de literatura. O resultado, em nosso contexto, é o fracasso: o aluno não se torna um especialista nem se converte em leitor.

Para a formação do consumidor, é necessário estimularmos o gosto, a predisposição interna para a leitura, de nada valendo as informações áridas sobre os fatos literários. O que é necessário é um movimento receptivo ao texto do próprio leitor, isto é, o ato de ler só funciona quando parte do interesse do leitor. Esse varia segundo diversos fatores pessoais e sociais, mas é movido sempre por algumas intenções básicas: adquirir conhecimento genéricos sobre determinado assunto (através da leitura de jornais e periódicos, por exemplo), estudar (lendo livros, mapas, etc.), seguir instruções (decodificando bulas de remédios, manuais, receitas, etc.) e recrear-se (através da leitura de textos de ficção e poéticos).

Os interesses de leitura surgem, portanto, para atendimento de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo. No primeiro caso, aqueles textos calcados na realidade imediata, que se referem ao que é e ao que foi, satisfazem aos apelos do leitor, que neles encontra informações, instruções, normas importantes para si num certo momento. No segundo, os textos ficcionais e poéticos vêm suprir seu desejo de evasão e/ou desafio. É claro que os dados informativos podem ser provocativos, aguçando a inteligência do leitor e garantindo-lhe imensa satisfação ao solucionar problemas. É, porém, na área da ficção e da poesia que o prazer da provocação aumenta, como vimos anteriormente.

Quando a leitura ficcional e poética representa atendimento ao gosto imediato do leitor, ela desencadeia o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, gerando prazer. Por outro lado, quando rompe de modo incisivo com as expectativas do sujeito, dá origem necessariamente ao diálogo e ao conseqüente questionamento das propostas inovadoras ali contidas, alargando o horizonte cultural do leitor. O dividendo final é novamente o prazer da leitura, agora por outra via, a da apropriação de um mundo inesperado.

Ler ficção e poesia é, portanto, duplamente gratificante. Quando entramos em contato com o conhecido, temos a satisfação de nos encontrarmos no próprio texto, num processo rápido de identificação que facilita a acomodação. Na experiência com o desconhecido, acontece-nos a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois pólos, o confortável conhecido e o estranho desconhecido, patrocina a forma mais agradável e efetiva de leitura.

Se somarmos ao prazer da identificação e ao prazer do desafio enfrentado aquele decorrente da sensação de um conhecimento novo adquirido, podemos dizer que essa leitura é, sem dúvida, a mais estimulante e completa. Isso porque o texto ficcional e o poético apropriam-se das referências da realidade histórica, para abstrair dos fatos as motivações humanas que os

geraram e que são comuns a todos os homens. Ler ficção e poesia, por conseguinte, não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social e dali auferir um conhecimento muito mais profundo, porque humano. No entanto, como tentamos explicar, não se trata simplesmente, de aprender a ler um texto, de preferência literário, descobrir seus meandros, dialogar com ele, crescer. Para que isso aconteça, precisamos saber mais, começando por descobrir como entrar na cultura letrada, no universo dos livros, que não se dá a todos os nossos semelhantes. Para quem nasceu e cresceu no ambiente da classe média urbana, por exemplo, tal ambiente até parece natural. Mas, na verdade, ele cobra conhecimentos, comportamentos e astúcias que são aprendidos. Da aprendizagem desses caminhos ao prazer do texto muitos passos devem ser dados:

- saber buscar textos de acordo com seu horizonte de expectativas, selecionando obras segundo seus interesses e suas necessidades;
- conhecer os locais em que os livros e os demais materiais de leitura se encontram, tais como bibliotecas, centros de documentação, salas de leitura, livrarias, distribuidoras, editoras;
- frequentar os espaços mediadores de leitura: lançamentos, exposições, palestras, debates, depoimentos de autores, sessões especializadas em revistas, além dos citados anteriormente;
- identificar os livros e outros materiais (como jornais, revista, arquivos) nas estantes, movimentando-se com independência na busca dos volumes que lhe interessam;
- localizar dados na obra (editora, local e data de publicação, prefácio, sumário, índices, capítulos, bibliografias, informações de conteúdo específico);
- seguir as orientações de leituras oferecidas pelo autor, através dos elementos potenciais e dos pontos de indeterminação localizáveis no texto;
- reconhecer a estrutura de campo que o texto apresenta, preenchendo as posições tematicamente vazias, segundo sua maturidade de leitura e de mundo;
- ser capaz de dialogar com os novos textos, posicionando-se crítica e criativamente diante deles, através de um processo hermenêutico que envolve compreensão, interpretação e aplicação.
- trocar impressões e informações com outros leitores, posicionando-se com respeito aos textos lidos, fornecendo indicações de leitura e acatando os novos dados recebidos;
- integrar-se a grupos de leitores, participando ativamente de práticas de leitura oral e expressão dos conteúdos lidos em diferentes linguagens;

- conhecer e posicionar-se diante da crítica (especializada ou espontânea) dos livros e outros materiais escolhidos para leitura;
- ser receptivo a novos textos, que não confirmem seu horizonte de expectativas sendo capaz de alargar seu gosto pela leitura e seu leque de preferências, a partir do conhecimento do movimento literário ao seu redor e da tradição;
- ampliar seu horizonte de expectativas através de leituras desafiadoras para sua condição atual;
- dar-se conta, através da conscientização do que acontece no processo de leitura, seu crescimento enquanto leitor e ser humano;

READING AND KNOWLEDGE

ABSTRACT

This article offers a reflection about the relations between reading and knowledge, more specifically considering literary reading. Starting from research on the poor reading conditions in Brazil, it focuses on the problem by conceptualizing the reading act and by explaining the literary reading process in accordance with the assumptions proposed by the Aesthetic of Reception approach. In this sense, the article defines the aesthetic pleasure from the perspective of the knowledge offered to the reader by the reading process, which leads him/her to discover the world and the self. The article also emphasizes that, to reach this point, some social conditions apply, which would allow the reader to move with autonomy within the literary field, knowing the different agents that interact in this scenario.

Keywords: Literary reading. Literary field. Knowledge. Aesthetic pleasure.

PUCRS/CNPq

NOTA

- ¹ Doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1988). Atualmente é adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, literatura infantil, literatura, crítica e ensino.

BIBLIOGRAFIA

- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Porto Alegre: Perspectiva, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. Questions de méthode. *Les règles de l'art*. Gènese et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1992.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAPPARELLI, Sérgio. Excursão. In: *Restos de arco-íris*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- DIAS, Gonçalves. Canção do exílio. In: _____. *Antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- COELHO, Jacinto Prado. *Problemática da leitura*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.
- ESCARPIT, Robert. *Le littéraire et le social*. Paris: Flammarion, 1970.
- ESCARPIT, Robert. *A revolução do livro*. Rio de Janeiro: FGV/INL, 1976.
- ESCARPIT, Robert. *Sociologia de la literatura*. Barcelona: Oikos-tau, 1971.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.
- GOLDMANN, Lucien. *Littérature et société: problèmes de méthodologie en sociologie de la littérature*. Bruxelas, 1967.
- HAUSER, Arnold. *Sociologia del arte*. Sociologia del publico Barcelona: Labor, 1977.
- INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1973.
- ISER, Wolfgang. La fiction en effet. *Poétique*. Paris, (39): 275-298, set. 1979.
- ISER, Wolfgang. *L'acte de lecture*. Théorie de l'effet esthétique. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1985.
- ISER, Wolfgang. *O ato de leitura*. 2v. São Paulo: 34, 1999.
- ISER, Wolfgang. *The implied reader*. Baltimore, London: The Johns Hopkins University, 1978.
- JAUSS, Hans-Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, Hans-Robert. *Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics*. Minneapolis: University of Minnesota, 1982 a.
- JAUSS, Hans-Robert. La jouissance esthétique. *Poétique*. Paris (39): 261- 274, set. 1979.
- JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- JAUSS, Hans-Robert. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

- JAUSS, Hans-Robert. *Toward and Aesthetic of Reception*. Minneapolis: University of Minnesota, 1982 b.
- LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1998.
- QUINTANA, Mario. Eu nada entendo. In: *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1972.
- TENGARRINHA, José. *A novela e o leitor português*. Estudo de sociologia de leitura. Lisboa: Prelo, 1973.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética de recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.